

AS REGRAS MUDARAM E O JOGO SEGUE: IMPACTOS DA TECNOLOGIA NA PRÁTICA DO JORNALISMO ESPORTIVO

Luiz Henrique Zart¹

Resumo: Este artigo pretende discutir mudanças no jornalismo que impactam a cobertura esportiva, de uma perspectiva teórica e conceitual. Parte-se de uma delimitação sobre o campo do jornalismo esportivo, envolvendo as disputas em torno de suas (in)definições enquanto categoria: por vezes voltando-se a uma editoria específica, em outras a certo perfil editorial segmentado; assim como em relação à cobertura, que na maioria das vezes prioriza certos esportes, como o futebol. Diante do atravessamento por mudanças tecnológicas, precarização das condições de trabalho e ressignificações da identidade profissional, entende-se que a prática do jornalismo esportivo em ambientes digitais é afetada de maneira direta, impactando na cobertura e nas práticas profissionais, para as quais pode-se pensar em alternativas como o jornalismo narrativo: afinal, é como se o regulamento mudasse enquanto a partida acontece.

Palavras-chave: Jornalismo esportivo; prática jornalística; impactos tecnológicos.

The Rules Have Changed and the Game Follows: Impacts of Technology on the Practice of Sports Journalism

Abstract: This article intends to discuss changes in journalism that impact sports coverage, from a theoretical and conceptual perspective. It starts from a delimitation of the field of sports journalism, involving disputes around its (in)definitions as a category: sometimes turning to a specific editorial, at others to a certain segmented editorial profile; as well as in relation to coverage, which most of the time prioritizes certain sports, such as football. Faced with technological changes, precarious working identity conditions and professional re-significations, it's understood that the practice of sports journalism in digital environments is directly affected, impacting coverage and professional practices, for which is interesting to consider alternatives such as narrative journalism: after all, it's as if the rules change while the match is running out.

Keywords: Sports journalism; journalistic practice; technological impacts.

¹ Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC). Email: luizhenriquezart@hotmail.com

Introdução

Como forma de produção social de conhecimento comprometida com o tempo presente e responsável pela circulação de diversos discursos em sociedade, o Jornalismo tem sofrido mudanças consideráveis, e estado em um cenário mais complexo (CHARRON; BONVILLE, 2016; HEINONEN; LUOSTARINEN, 2009; RINGOOT; RUELLAN, 2007)². Desde a reorganização e deterioração dos ambientes de trabalho à fragmentação das redações, em uma sociedade tecnológica imersa em informações, as diferentes formas desta prática têm sido colocadas como um objeto em movimento. Sobre o seu devir, importa a questão: em vez de o jornalismo ser, deveria voltar-se ao que tem se tornado, em novas rotinas e formas de organização (DEUZE; WITSCHGE, 2016; ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013). Neste sentido, como muitas especializações, sobretudo em meios digitais, o esportivo é mais um dos discursos que atravessam a enunciação jornalística (RINGOOT; RUELLAN, 2007). Como outros, precisou se ajustar a uma prática profissional que convive com permanentes rupturas e transformações, já que "a retórica sobre a crise do jornalismo é por si só um dos discursos mais permanentes e mais recorrentes" (LE CAM; PEREIRA; RUELLAN, 2015, p. 13).

Fenômeno social que permeia a vida do homem moderno, o esporte – e seu jornalismo – convive com um paradoxo: ao longo do tempo: tem sido visto com desconfiança, como um segmento distante dos valores aos quais os periodistas costumam associar sua atuação (PERREAULT; BELL, 2022). Mesmo ocupando parte importante do espaço da imprensa e da indústria da informação, predominam as acusações de ser o “departamento de brinquedos”, ou a “caixa de areia” da redação (ROWE, 2007, p. 389). Seria, portanto, uma versão *soft*, acrílica e trivial, sem o mesmo rigor de áreas mais conceituadas, com poder e prestígio da profissão ligadas às editorias, como política e economia, por exemplo (BOYLE, 2017). Hoje, ressalta Rowe (2007, p. 386), fugindo desta binaridade “entre seriedade e qualidade de um lado, e superficialidade e trivialidade [...] do outro”, o jornalismo esportivo passou do “para o departamento de finanças”, e passou a

² Para simplificar a leitura e otimizar o espaço do artigo, as traduções de referências internacionais são todas do autor.

ser “visto como crucial para as receitas e audiências de muitas organizações de mídia” (FARRINGTON, 2012, p. 1).

A dificuldade não se dá somente por conta do entendimento do público, mas também a partir da própria categoria profissional, já que, como lembra Unzelte (2009, p. 121), jornalistas que não trabalham com esporte “ao mesmo tempo que orgulhosamente confessam ‘não entender nada disso’, costumam encarar o tema como uma coisa menor, menos séria”. A crítica, no entanto, desconsidera que, antes de qualquer especialidade, jornalismo esportivo também é jornalismo. Por isso, é relevante discutir estes impactos partindo do conceito de Shapiro (2014, p. 561), para quem “o jornalismo compreende as atividades envolvidas na busca independente de informações precisas sobre eventos atuais ou recentes e sua apresentação original para a edificação pública”.

Portanto, este estudo discute como a cobertura esportiva, especialmente em ambientes digitais, é afetada por mudanças tecnológicas se amparando em aportes teóricos e conceituais. Primeiro, aborda brevemente fronteiras do campo do jornalismo esportivo dentro do guarda-chuva de especializações, tratando de suas características do ponto de vista editorial e da cobertura. Depois, pontua aspectos que alteram a prática e a identidade profissional, e menciona alternativas no contrafluxo da aceleração causada pelo ambiente digital.

Fronteiras da especialização e o campo do jornalismo esportivo

Como consequência do desenvolvimento e da necessidade informativa das sociedades, a especialização de nicho é uma forma de hierarquização e organização dos conteúdos que aprofunda temas delimitados, via de regra ignorados pela cobertura cotidiana da imprensa (ABIAHY, 2005). Pode-se dizer, assim, que corre a partir de três pontos centrais, segundo Tavares (2009): em relação aos meios de comunicação propriamente ditos (impresso, TV, internet, etc.); sobre os temas que são tratados (esportivo, cultural, de saúde, político, etc.); e, por fim, com uma mistura das duas versões anteriores – como no jornalismo esportivo na internet, por exemplo.

É preciso, no entanto, compreender as características deste tipo de cobertura direcionada. Para Salazar Herrera (2003, p. 5), são: a) coerência temática: quando certa área do conteúdo jornalístico trata de determinadas

parcelas da realidade por meio de uma agenda; b) tratamento específico à informação, com a construção de textos coerentes, fontes de informação específicas; coerência com o grupo segmentado ao qual se dirige; uso de códigos comuns; além de jornalistas especialistas no campo, capazes de sistematizar e contextualizar a informação por meio do discurso jornalístico.

Vilas Boas (2005, p. 7) reconhece, no entanto, que esta é uma área difícil de demarcar. Não basta, para ele, que jornalismo especializado seja visto como sinônimo de um jornalismo praticado “por editorias” – porque os profissionais que trabalham em certos cadernos nem sempre são especialistas nos assuntos que cobrem; nem que se considere formar jornalistas ultraespecializados. Para o autor, ela deveria significar “compreensão aguçada de questões-chave relativas a macrotemas do conhecimento humano, entendidos em sentido amplo”. Entre os quais: ciência, política, economia, meio ambiente e cultura, entre outros.

Desta perspectiva, marcadas por mudanças tecnológicas que são “movimentos tectônicos”, indicam Anderson, Bell e Shirky (2013), as últimas décadas têm mostrado que ao mesmo tempo em que há uma expansão das coberturas, existe demanda crescente pelo consumo de conteúdos voltados ao esporte, e o campo do jornalismo, neste contexto, tem sido discutido de outras perspectivas (BOYLE, 2017, p. 494). Desde o papel desempenhado pela mídia até os aspectos econômicos, sociais e culturais, são temáticas que transitam por outros departamentos e têm contribuído para o entendimento das práticas profissionais. Neste sentido, “como em outras áreas do jornalismo, há grandes variações no alcance, diversidade e qualidade da produção que é rotulada como jornalismo esportivo” (BOYLE, 2017, p. 493).

O próprio significado da palavra “esporte” se altera: além de uma prática individual, envolve “todas as áreas da vida social, desde o planejamento urbano, que pensa em sua inclusão na cidade, até a economia globalizada, que coloca em circulação seus atores e as representações que suscita” (ARON et al., 2021, p. 12). Considerando estes sentidos, o mapeamento do campo do jornalismo esportivo proposto por English (2015, p. 8) a partir de Bourdieu posiciona “nações, organizações e, por meio de seus cargos [...], indivíduos em relação ao capital econômico, jornalístico e total”, sendo o primeiro predominante no âmbito

esportivo, igualmente impactado pela disputa com os demais capitais – cultural, social e simbólico –, em busca de transformação ou preservação deste espaço.

Incluídos neste embate de capitais, as indústrias de mídia têm um ponto favorável: a popularidade da temática com patrocinadores e a própria audiência. Hutchins e Boyle (2016, p. 4), sobretudo pelo ciclo de acontecimentos reportáveis (coletivas, entrevistas pré e pós-jogo, perfis, lesões, comentários e análises, além de reações do público), destacam que esta é uma “fonte de conteúdo confiável e abundante devido à programação frequente de eventos e à regularidade das competições de várias ligas nacionais e internacionais”. Para English (2015, p. 2-3), embora a seção não carregue o mesmo prestígio de outras, representa uma maneira de equilibrar a cobertura, o que contribui com um posicionamento direcionado ao capital jornalístico, classificado como “o nível combinado de capital cultural, social e simbólico. Esses elementos são particularmente eficazes na determinação dos montantes e tipos de capital acumulado por indivíduos e organizações no campo do jornalismo esportivo”.

No entanto, ainda que seja essencial discutir o capital do esportivo dentro do campo profissional, é preciso compreendê-lo desde as definições mais básicas, antes. Neste embate, a dividida prossegue mesmo em relação ao significado, à conceituação de jornalismo esportivo. Tavares Júnior (2017) parte do contexto brasileiro e busca reflexões de pesquisadores sobre o termo, ressaltando-se que a história desse segmento ultrapassa pouco mais de cem anos e “não há muitas fontes de consulta do jornalismo esportivo, talvez em razão do seu aparecimento tardio, de sua condição de filho bastardo do jornalismo”, que aos poucos conquistou espaço (FONSECA, 1981, p. 18).

Enquanto alguns estudiosos entendem que jornalismo esportivo se encontra no âmbito especializado, voltando-se às editorias relacionadas tradicionalmente ao jornalismo impresso, e em outros casos a veículos segmentados, outros preferem a expressão “jornalismo sobre esportes” ou “aplicado ao esporte”. Seria mais uma forma de disputa, que já se dá dentro do próprio segmento, uma vez que o jornalismo é a linguagem “social e cultural mais adequada para socializar os discursos onde há conflitos e o esporte é essencialmente, um ambiente de conflitos” (TAVARES JÚNIOR, 2017, p. 44). Envolvendo a premissa do interesse público e dos valores-notícia, esse tipo de

jornalismo seria uma instância de organização de informações deste teor: “É o jornalismo que se debruça sobre acontecimentos esportivos, especialmente o esporte de alta competição, de alto rendimento, o esporte competitivo” (ibidem, p. 41-42). Como indica o professor Ary Rocco Jr. (*apud* ibidem, p. 46):

Jornalismo esportivo é uma especialização do jornalismo que especificamente trata ou deveria tratar de todas aquelas pautas relacionadas ao universo do esporte: prática esportiva, fomento ao esporte, megaeventos esportivos, competições esportivas, o atleta, o treinador; ou seja, todo aquele universo que efetivamente é responsável pelas modalidades esportivas e pelas competições esportivas em nível local, nacional, internacional e fomento do esporte.

Por ser uma área recente dentro do universo jornalístico, o segmento esportivo tem suas conceituações ainda trabalhadas de forma incipiente. É curioso notar que, historicamente, seu discurso era produzido pelos próprios atores da área, seguidos de jornalistas interessados, que causou um diálogo tardio tanto com o mercado quanto com pesquisadores, segundo Aron et al. (2021). No Brasil, no princípio acreditava-se que a prática esportiva não seria capaz de estampar manchetes, “mesmo que movesse multidões às ruas em busca de emoções que a vida cotidiana não oferecia” (COELHO, 2004, p. 9).

Com o tempo, o futebol acabou se estabelecendo como predominante a partir da década de 1940 (TAVARES JÚNIOR, 2017, p. 40), e hoje, em grande parte, a cobertura é voltada ao futebol, sobretudo masculino e profissional, e deixa de retratar “o amador, o universitário, o esporte que inclui, o esporte que trabalha com a terceira idade, com as crianças, o esporte na educação [...]” (ibidem, loc cit.). Assim, é possível perceber que, do ponto de vista da prática, ao mesmo tempo em que se prioriza a cobertura das modalidades de alto rendimento, há também aspectos culturais, determinados por país, que dão mais espaço a certos esportes (TULLOCH; RAMON, 2017, p. 657).

Por consequência, o que existe é um jornalista que se especializa em um dos universos, conforme explica Coelho (2004, p. 37): “aquele se dedica a transmitir informações de maneira geral”, e, que se torna “muitas vezes melhor quando é, de fato, conhecedor do assunto específico. Quando vira jornalista de basquete, de vôlei, de futebol, de automobilismo. Nunca de esportes”. Quem ressalta este ponto de vista é Vilas Boas (2005, p. 8), para quem é “impossível (e

talvez nem seja recomendável ou viável) um jornalista dominar todos os meandros de todas as modalidades esportivas”. Ser jornalista esportivo não é, normalmente, ser um especialista, mas “no frigidar dos ovos, significa cobrir um ou alguns esportes” (ibidem, loc. cit.). Como indica Rowe (2007), a crítica se dá por se tratar de um segmento próximo da leveza e do entretenimento, que poderia ser configurado “para que possamos pensar os significados e as funções sociais do esporte na sociedade contemporânea” (TAVARES JÚNIOR, 2017, p. 47).

Se a discussão se direciona a qual tipo de cobertura o jornalista esportivo faz, vale mencionar que, internamente, as redações esportivas costumam se referir a dois níveis, que não são imutáveis, segundo Aron et al. (2021, p. 12): “o dos eventos e resultados propriamente ditos, e o dos comentários, investigações ou reportagens que envolvem esses eventos”. As notícias neste campo têm forma indeterminada, apontam Hutchins e Boyle (2016, p. 5). Para eles, para enfrentar o problema, é preciso parar de tratá-las como algo de forma definitiva ou estável: “As notícias são reformuladas como um resultado ‘processual’ de interações através e entre estruturas institucionais, modelos de financiamento, tomada de decisão profissional, tecnologias de mídia de consumo e práticas de consumo”. Neste sentido, David Rowe desenha uma tipologia para descrever quatro diferentes formas de jornalismo esportivo: *hard news*, *soft news*, retórica ortodoxa e análise reflexiva, sendo a última mais contextual e crítica, que coloca o jornalista esportivo “no centro de fatores e influências políticas, econômicas e culturais mais amplas, e é tradicionalmente mais provável de aparecer fora das páginas de esportes ou em pequenas doses na grande imprensa” (BOYLE, 2006, p. 28).

Assim, a complexidade de assuntos que rodeiam as práticas esportivas torna a visualização da área um tanto turva (TAVARES JÚNIOR, 2017). Por isso, há a necessidade de aprofundamento na formação profissional, condicionando um jornalista que explique além do resultado, consequências e impactos da prática esportiva, e que precise lidar com a proximidade do objeto que lhe interessa reportar. Além disso, há a exigência de compreender as mudanças causadas aos preceitos tradicionais do jornalismo, à apresentação e os parâmetros noticiosos a um contexto mutável, que agora inclui meios digitais móveis.

Como indica Christofolletti (2019, p. 13), é justamente neste contexto que o jornalismo passa a não ser mais “o único fornecedor de informações para os humanos”, já que “o fazíamos antes do jornalismo surgir como uma atividade profissional, perene e onipresente”. No entanto, se organiza com formas de ser e agir compartilhadas entre seus membros, lembram Hutchins e Boyle (2016). Como uma “comunidade de prática”, é afetada por mudanças institucionais, que influenciam a rotina de trabalho, quando são tensionados também os papéis profissionais – destacando-se os de monitoramento, contador de histórias e educador (PERREAULT; BELL, 2022, p. 406) – e a noção de que o jornalista determina o que o público lê, vê e ouve (DEUZE, 2005, p. 445).

A complexidade surge, também, entre os veículos impressos e digitais, por exemplo: há uma dicotomia em termos dos meios, é incapaz de garantir uma separação na definição de quais características, públicos e necessidades atingir, e quais mudanças são necessárias para contemplá-los (MIRER; HARKER, 2019). Neste sentido, não há somente outros atores: é o ecossistema de notícias contemporâneo como um todo que convive com uma alteração constante na sua dinâmica (STEENSEN; AHVA, 2015).

O jogo segue, mas as regras mudaram: impactos da tecnologia na prática do jornalismo esportivo

No jornalismo pós-industrial, imerso na tecnologia, conforme pensam Shirky e Bell (2013, p. 50), “escrever, filmar, editar, gravar, entrevistar, diagramar e produzir seguem sendo a base do ofício jornalístico”, o que muda é a forma de se fazer, com o jornalista se transformando em um profissional multitarefa (BRASILEIRO, 2021; BERTOLINI, 2017). Para Deuze e Witschge (2016, p. 9), por exemplo, “a produção de notícias cada vez mais se faz tanto dentro quanto fora das organizações profissionais jornalísticas, bem como dentro e por meio de múltiplas formas e formatos midiáticos”.

No caso do jornalismo esportivo digital, pensar nesta reflexão significa compreender a liquidez em que está envolvido, em que outros profissionais interferem no discurso. Assessores, relações públicas e mesmo das organizações esportivas têm suas próprias mídias e competem para levar suas notícias de forma direta até os públicos sem outros filtros. Cumprem, assim, um papel de

intermediários, que interferem no discurso previamente linear da imprensa (SHERWOOD et al., 2016, p. 1).

O que se convencionou chamar, contemporaneamente, de equipe de mídia funciona como uma “espécie de insurgência, mas ao invés de serem expulsos, esses atores são geralmente bem-vindos no campo jornalístico” (PERREAULT; BELL, 2022, p. 410). Com isso, jornalistas perderam a primazia de informar os públicos. No entanto, Christofolletti (2019, p. 68) avalia que isso não significa um esvaziamento. Apesar de não mediar mais sozinho fontes e públicos, o jornalismo ainda “oferece a oportunidade do contraditório, propõe-se a informar de maneira perene (e não episódica), insiste em perseguir o interesse público e ambiciona proporcionar condições para um debate mais amplo”.

Mesmo a ideologia profissional se altera neste processo, sobretudo, segundo Dantas (2019), porque o perfil da categoria não teve desenvolvimento linear. A mesma situação se dá diante das representações construídas sobre si reúnem características variadas ao longo do tempo – algo perceptível nas quatro fases pelas quais a profissão passou. Do jornalismo literário ou político (1789 a 1830); de informação (1830-1900); da consolidação das empresas (1900-1960) e especialmente na era da tecnologia (a partir de 1960), até o contexto contemporâneo, em que novos elementos surgem, enquanto outros se redesenham. Um exemplo é a pressão por produtividade, além de aspectos como a insegurança, a precarização e proletarização do trabalho – com jornadas estendidas e a deterioração de vínculos, por vezes temporários, em mais de um emprego –, e a prevalência dos aspectos econômicos na tomada de decisões do universo jornalístico (BERTOLINI, 2017; FIDALGO, 2008). Desta perspectiva, Nicoletti e Mick (2018, p. 127-128) lembram que, em relação à produção, o trabalho jornalístico está entre os polos material e imaterial:

O primeiro diz respeito à informação moldada para ser consumida pelo público no produto jornalístico - o jornal, a revista, o programa de televisão, rádio, o conteúdo online. Já o trabalho imaterial é caracterizado pelo “capital humano, intelectual ou social” (LAZZARATO, NEGRI, 2013, p. 13), quando vida e trabalho se entrelaçam; é baseado na subjetividade e no conhecimento de cada sujeito que integra o processo de produção da informação jornalística.

Neste cenário, a definição da identidade profissional é complexa para os jornalistas. A forma como dão sentido às práticas e rotinas de trabalho, seu sistema de crenças e valores, são desestabilizados de maneira gradual, especialmente nas últimas décadas, com as decisões editoriais regidas pelo lucro (DEUZE, 2005; SHERWOOD; O'DONELL, 2018). Em uma “lógica de supermercado”, põe-se em questão tanto a credibilidade quanto o negócio do jornalismo (NICOLETTI; MICK, 2018).

Os arranjos de produção noticiosa são afetados com uma diluição do controle sobre elas em um mundo de conversação contínua. Surgem novas lógicas, maneiras de organização profissional, mais jornalistas atuando individualmente, além das empresas tradicionais da imprensa. Em um ecossistema reformulado, a fronteira entre quem faz e quem consome conteúdos jornalísticos é borrada, alterando procedimentos de apuração, interpretação e distribuição de informações – em uma espécie de “negociação” permanente da identidade profissional.

Por consequência, o cenário jornalístico também é recomposto, especialmente a partir da virada digital da década de 1990 (BOYLE, 2017; ZAMITH; BRAUN, 2019). Com isso, é criada uma série de pressões, restrições e outros impactos no ambiente jornalístico tradicional (ENGLISH, 2015). É uma via de mão dupla, como pontuam Heinonen e Luostarinen (2009, p. 233), para quem: “a relação jornalismo-tecnologia também é recíproca. À medida que a tecnologia molda o jornalismo, estabelecendo limites ou abrindo novos caminhos, o jornalismo é ao mesmo tempo um cliente e um mediador da tecnologia na sociedade”. Se fez aumentar a oferta e despencar o valor da notícia com outros elementos no campo, “provocando confusão e cacofonia [...] a grande rede não trouxe só misérias. Sua estrutura aberta e descentralizada e seu funcionamento dinâmico e fluido catalisaram criatividade, inovação, colaboracionismo e diversidade” (CHRISTOFOLETTI, 2019, p. 44).

Essa condição poderia ser potencial de recolocação da cultura jornalística, baseada no demarcar de fronteiras que diferenciam o trabalho jornalístico de outros, é como “um conjunto particular de ideias e práticas pelas quais os jornalistas legitimam seu papel na sociedade e tornam seu trabalho significativo” (HANITZSCH, 2007, p. 36). Reflexão que é válida sem que se desconsidere que a

profissão se volta a elementos práticos, em que a cultura de notícias em rede “mina a identidade profissional”, geralmente pouco flexível (SHERWOOD; O’DONNELL, 2018, p. 4).

Desta perspectiva, Salaverría e Negrodo (2008, p. 49) indicam que as mudanças enfrentadas por jornalistas levam a dois tipos de polivalência: funcional, por conta do acúmulo de atribuições, e midiática, em relação à produção para canais variados. Boyle, Rowe e Whannel (2009, p. 7), por sua vez, avaliam que as práticas do jornalismo esportivo – profundamente globalizadas – têm sido forçadas a um ajuste ao universo multiplataforma, e o profissional, convive com a “ansiedade de ser um malabarista que tem que produzir para o website, a imprensa, o rádio e a televisão” (NEVEU, 2010, p. 38-39). Considerando o potencial das plataformas digitais na alteração das características da mídia esportiva:

à medida que o conteúdo esportivo mudou entre as emissoras detentoras de direitos tradicionais para novas plataformas online. A nova economia de conteúdo esportivo de mídia envolveu a mudança de um modelo de transmissão, caracterizado por escassez e altas barreiras de acesso, para um novo modelo online definido por “plenitude digital” (Hutchins e Rowe 2009, 354), ou: barreiras de acesso significativamente mais baixas e o custo multiplicou o número de empresas de mídia, organizações esportivas, clubes e até mesmo atletas individuais que podem produzir e distribuir conteúdo para consumo online e permitiram que um grande número de usuários se apropriasse, modificasse e compartilhasse filmagens esportivas digitais por meio de sites [...] (SHERWOOD et al., 2016, p. 4).

Como aponta Deuze (2005, p. 452), no contexto multimídia, o jornalista precisa “tomar decisões sobre que tipo de plataformas utilizar ao praticar seu ofício”. Torna-se o que Bertolini (2017, p. 214) chama de jornalista multimídia e multitarefa: o primeiro “deverá ser capaz de fazer trabalhos para mais de um veículo midiático, como jornal e rádio, ao mesmo tempo”, enquanto o segundo “estabelece que o jornalista deverá fazer tarefas, como redigir textos e tirar fatos, que até bem pouco tempo atrás competiam a profissionais distintos”. A partir destas provocações, Perrault e Bell (2022, p. 403) acreditam que “não existe mais ‘jornalismo digital’ para atores dentro do campo; é simplesmente jornalismo”,

A inclusão e o reposicionamento destes atores na dinâmica de produção do jornalismo esportivo é um aspecto relevante, já que suas respostas e repercussões podem mesmo inverter a lógica tradicional – o embate se dá em um ambiente mais fluido, e o jornalista passa a ser parcialmente pautado. Surge um uma polifonia que causa, afinal, uma reflexão sobre as fronteiras, práticas e a dispersão dos valores de autoridade e autonomia da profissão (MIRER; HARKER, 2019), além da diluição da capacidade de determinar o que é ou não é noticiável (HUTCHINS; BOYLE, 2016, p. 10).

Em linhas gerais, há uma reestruturação da indústria, plataformas *on-line*, dispositivos e serviços e, ao mesmo tempo, uma deterioração do trabalho jornalístico, assumido por um conjunto de “trabalhadores da mídia” de variadas qualificações empregados sob contratos de trabalho flexíveis. Atingindo um nicho específico, a “autoridade interpretativa institucionalmente legitimada do jornalismo esportivo está se fragmentando” (HUTCHINS; BOYLE, 2016, p. 14).

Além dos impactos econômico e organizacional em empresas tradicionais identificados no jornalismo esportivo, entre outros autores, por Mirer e Harker (2019) e English (2015), a pressão se dá também do ponto de vista da demanda por conteúdos, e da quantidade de informações sobre esportes. Com o protagonismo das mídias sociais e da instantaneidade das discussões sobre a temática na chamada era do acesso, muda a forma como as notícias são produzidas, apresentadas e consumidas, especialmente por conta dos *smartphones*, que dinamizaram o processo (HUTCHINS; BOYLE, 2016; FRANGE, 2016). São complicadores com os quais jornalistas precisam lidar, diante da tensão entre a tradição e a turbulência da mudança (PERREAULT; BELL, 2022).

Deste prisma, Hutchins e Boyle (2016, p. 4) ressaltam que as estruturas e os ritmos do esporte têm consequências tanto para a produção de notícias quanto para o jornalismo como um todo. Mirer e Harker (2019, p. 4), por exemplo, apontam que a rede de notícias típica do jornalismo esportivo faz com que os repórteres se organizem em equipes que tenham contato com um corpo consistente de fontes na cobertura de eventos programados regularmente em prazos curtos. Nesse sentido, “as tecnologias digitais realmente alteraram a maneira como os jornalistas esportivos desempenham suas responsabilidades de

trabalho, coletam informações e divulgam cobertura para seu público”. Enquanto sabem que têm sua própria “batida” e um público ansioso por consumir conteúdo:

Em outro nível, os jornalistas esportivos estão lutando contra as mesmas pressões que estão afetando o jornalismo em geral, incluindo recursos reduzidos de redação, fortes pressões de tempo, a necessidade de produzir histórias para várias plataformas, o aumento da produção automatizada de conteúdo e a crescente concorrência de agregadores de conteúdo e especialistas em notícias “sociais” (Allan 2012). Paradoxalmente, a popularidade e o volume de jogos e eventos esportivos que garantem o emprego de jornalistas esportivos também representam um ônus quando se espera que eles cubram tantos deles com recursos e tempo limitados em duas ou mais plataformas (Hutchins e Rowe 2012) (MIRER; HARKER, 2019, p. 4).

A queda de qualidade importa, já que “a desregulamentação e a digitalização levaram a uma proliferação de canais de mídia eletrônica com um apetite voraz por material e um conseqüente crescimento do que Eco chamou de ‘conversa fiada sobre esportes’” (BOYLE; ROWE; WHANNEL, 2009, p. 7). Ao mesmo tempo em que o progresso tecnológico trouxe possibilidade de reportar – com vídeo, hiperlinks, entre outros recursos –, também carregou conseqüências como a “velocidade necessária para redigir a notícia e colocá-la no ar, o que, às vezes, impossibilita o repórter de checar informações e revisar o conteúdo” (FRANGE, 2016, p. 17).

Hutchins e Boyle (2016, p. 7) pontuam que, entre as habilidades técnicas que jornalistas esportivos precisam desenvolver com estas mudanças estão a prática da reportagem projetada para dispositivos móveis. Os autores indicam que, em múltiplas plataformas, “o formato e a aparência das notícias estão se alterando em relação aos padrões de consumo de mídia móvel, aos parâmetros apresentados pelas funcionalidades e telas de smartphones e tablets e às práticas emergentes de jornalismo móvel” (HUTCHINS; BOYLE, idem, loc. cit.).

Em um consumo mais disperso, o relato tem sua estrutura alterada: parágrafos mais curtos, detidos a pontos centrais da notícia simplesmente, como placares, jogadores e momentos decisivos, com a crítica de que seria algo que qualquer pessoa poderia fazer. Parte do dilema enfrentado pelas organizações de mídia, para os autores (2016, p. 13), que é “como fornecer recursos adequados para o engajamento com públicos inconstantes que existem em dispositivos,

formatos, plataformas e redes mutáveis”. Tempos de saturação de conteúdos, contudo, levam não à diversidade, mas à uniformidade (ENGLISH, 2015). Uma função possível, neste sentido, é a de curador: um profissional que atua como um filtro diante da imensa quantidade de informações disponíveis (BRUNS, 2011). Como argumenta Boyle (2006, p. 143), “na melhor das hipóteses, o jornalismo esportivo trata de dar sentido do contexto mais amplo dentro do qual os eventos ocorreram”.

Por isso, Frange (2016, p. 28) argumenta que a imprensa deve retomar técnicas consideradas essenciais na produção de conteúdo jornalístico de qualidade, para encontrar as “histórias por trás das histórias” (PERREAULT; BELL, 2022, p. 408), mas tem preferindo o superficial e rápido diante da demanda *on-line*. Tulloch e Ramon (2017) observam um jornalismo de imersão, que dá mais espaço à subjetividade dos atores dos eventos esportivos.

Uma saída, destacada por Perreault e Bell (2022) e Tulloch e Ramon (2017), é oferecer, ao mesmo tempo, conteúdo instantâneo e conteúdo qualificado a partir de assinaturas digitais eventualmente em modelo *longform* – mesclando modelos tradicionais e atuais de reportagem. E mesmo que não sigam esta tendência, empresas podem oferecer conteúdo de qualidade e apuramento, como fazem perfis em *ghostwriting* da *Players Tribune*, a tradicional *Sports Illustrated*, entre outros meios consolidados, ou no Brasil, como a revista *Corner* e o site *Trivela*, entre outros exemplos. Isso porque o modelo puramente tradicional, pautado pelo “mundano, resultados de jogos, repórteres de lesões e outras transações”, na cobertura diária, como lembram Mirer e Harker (2019, p. 10), não é mais uma informação única. Neveu (2014, p. 537) acredita que:

Contar notícias como histórias (verdadeiras) também significa organizar um elenco de personagens, estruturar um enredo, mobilizar o público em um uso sutil dos eventos e surpresas em que as vidas se envolvem e se desenrolam. Tal jornalismo narrativo³ está em oposição estrutural às tendências atuais da profissão. [...] Reivindica espaço para desenvolver histórias quando o padrão dominante é processar muitos fatos em pequenos formatos.

³ A proposta de um jornalismo narrativo envolveria a utilização de recursos fáticos e fictícios na composição dos relatos: possibilidades de enriquecimento do texto e das demais formas escolhidas para retratar os acontecimentos, seja recorrendo a aspectos literários, seja apostando nas histórias como uma espécie de pano de fundo para algo além do resultado e da competição propriamente ditos (MOTTA, 2013).

A caminho de um “jornalismo melhor”, Weedon et al. (2018, p. 651) compreendem ser necessário apostar na contextualização, no trabalho crítico da (e à) imprensa, observação a coberturas geralmente ignoradas, representatividade nas redações e a reflexão feita pelos profissionais da área esportiva. O esporte representa uma oportunidade de usar narrativas para contar histórias em “uma metáfora para tudo na vida”, indicam Perreault e Bell (2022, p. 407).

O uso de narrativas para contar histórias, ressalta Neveu (2014, p. 536), “não são pecados ou traições para a prática jornalística. Escrever ou contar histórias perfeitas, atraentes e esclarecedoras é uma habilidade essencial para transformar fatos em notícias”. Não há, necessariamente, “uma” forma melhor de se fazer jornalismo esportivo, mas é necessário pensar em quais possibilidades existem – uma vez que há mais exemplos do que *não fazer* (WEEDON et al., 2018). Afinal, a mídia noticia o esporte:

[...] com grande competência profissional, mas o discute com uma falta de seriedade grosseira. Os jornais divulgam resultados com eficiência e se deliciam com polêmicas triviais, mas são tímidos e pouco informativos sobre a organização do esporte. [...] A sofisticação técnica da cor viva e replay em câmera lenta é notável. Assim como sua falha em produzir jornalismo esportivo informativo. (2008: 112; publicado pela primeira vez em 1983) (BOYLE; ROWE WHANNEL, 2009, p. 1).

Interpretando certa frieza e distanciamento nas coberturas da área, Frange (2016, p. 28) acredita “que reportagens com contexto e aprofundamento aparecem somente em ocasiões especiais”. O desafio de fugir da cacofonia de produções breves e repetitivas traz à pauta um embate: sem as tradicionais limitações de espaço para a produção de matérias, é preciso considerar em que medida e em quais contextos a organização e disposição do conteúdo a partir de uma narrativa atraente e detalhada, com valor jornalístico, pode ser relevante.

É desta perspectiva que, como indica Neveu (2014), o jornalismo narrativo pode ser interessante. Uma produção mais lenta, com contexto, pesquisa e checagem, encabeçada por determinadas publicações, sem deixar de oferecer conteúdos factuais, mas em associação a outros relatos, dissociando o jornalismo do contexto acelerado corrente (TULLOCH; RAMON, 2017). Para Neveu (2014, p. 537), o “jornalismo também é uma arte narrativa. As crenças relativas à

diminuição e ao rápido colapso dos níveis de atenção do público e ao poder de processamento da computação gráfica para digerir em gráficos ou mapas dados complexos convergiram para desenvolver inovações na brevidade”. Para o autor, a arte de reportar significa:

[...] levar o público a lugares escondidos, desconhecidos ou surpreendentes e encontrar as palavras para expressar suas peculiaridades. Tais desafios dificilmente podem ser enfrentados utilizando apenas algumas centenas de palavras de um vocabulário acinzentado, simples e básico, que se supõe ser o limite das capacidades linguísticas do público. Contar notícias como histórias (verdadeiras) significa também organizar um elenco de personagens, estruturar um enredo, mobilizar o público num uso sutil dos acontecimentos e surpresas em que as vidas se envolvem e se desenrolam. Tal jornalismo narrativo está em oposição estrutural às tendências atuais da profissão. Valoriza o trabalho braçal e a investigação quando o jornalismo é cada vez mais uma arte de processar dados fornecidos por fontes oficiais. Reivindica espaço para desenvolver histórias quando o padrão dominante é processar muitos fatos em pequenos formatos. Toma emprestado da literatura as suas técnicas de escrita, das ciências sociais as suas ferramentas de investigação e metodologias interpretativas quando a narrativa no jornalismo contemporâneo se rendeu ao flash das notícias e a investigação aprofundada à velocidade (NEVEU, 2014, p. 537).

Sobretudo na contemporaneidade, o esporte ganha amplitude e se torna acessível enquanto manifestação representativa da cultura popular. Com a multiplicidade de vozes invadindo o campo, no entanto, o ambiente é complexo para os jornalistas. Informar, questionar, investigar, entreter, lidando com o desafio de “oferecer um jornalismo descompromissado, informativo e divertido no contexto de um sistema de mídia cada vez mais comercial e privatizado” (BOYLE; ROWE WHANNEL, 2009, p. 8). Ao mesmo tempo suscita o questionamento sobre os modelos de funcionamento da mídia, e de quem está disposto a financiar uma prática específica, perene e continuada como o trabalho desempenhado por jornalistas – e neste caso, os esportivos (MIRER; HARKER, 2019; CHRISTOFOLETTI, 2019).

Considerações finais

Com a reflexão proposta por este artigo, foi possível compreender que o ambiente digital altera de forma considerável as coberturas esportivas. Se a

instabilidade, a imprevisibilidade e as reviravoltas são características da prática esportiva, vale dizer que se estendem à jornalística neste contexto. Prova disso é a dificuldade que se tem de conceituar a área do jornalismo esportivo – que sofre tanto quanto, talvez de forma mais específica que o Jornalismo como um todo. Ainda que brevemente, como um achado da pesquisa, foi possível adentrar estas discussões e entender as disputas que ocorrem neste campo movediço e ainda (in)definido da categoria.

Constata-se que o discurso esportivo é fugidio por conta da imprecisão quanto às suas características: ora editoria, ora mais que isso, segmento, tratado como trivial e dispensável especialmente de um ponto de vista conservador, e como de potencial crítico e reflexivo, mais recentemente, conquistando espaço a partir de estudos de jornalistas, professores, sociólogos, pesquisadores. A área é ampla e, por isso, é complexo ter uma visão panorâmica: no entanto, é possível observar, por exemplo, a priorização de certas modalidades e angulações, certos vícios e, também, alterações estruturais.

Atravessado por mudanças tecnológicas, o jornalismo esportivo contemporâneo tem se deparado com uma recomposição das condições de trabalho e da desestabilização da identidade profissional, a mediação e a produção das notícias ocorrem de outra forma, com a aparição de outros jogadores no campo. Com muita gente à espera desse conteúdo nas arquibancadas digitais, o jornalista precisa dar conta de funções variadas, lidar com pressões e outras implicações.

De um ponto de vista mais amplo, o artigo permitiu pensar sobre a cobertura de esportes e o lugar desta especialização para a prática do Jornalismo. Entende-se, afinal, que a imprensa esportiva tem dificuldades de noticiar aquilo que foge do imediato – e, imagina-se, por isso seja presa fácil à volatilidade e imediaticidade da internet, um risco latente em tempos da economia da atenção. Obviamente, reconhece-se que o estudo tem limitações em relação ao escopo e ao aprofundamento, mas projetamos que a curadoria e um jornalismo que preze pela narratividade – não com a intenção de substituir o factual, mas de dar detalhamento para públicos que se interessam pela temática –, por meio de um trabalho reflexivo e crítico por profissionais acusados de não conseguir fazê-lo.

Há, com isso, lacunas a serem exploradas em estudos posteriores. Afinal, é uma partida de dois tempos. Se de um lado é preciso observar as mudanças que vêm ocorrendo no jornalismo esportivo, compreendendo suas potencialidades e prováveis melhorias à qualidade dos conteúdos, é indispensável não ser determinista e cultivar uma percepção crítica sobre os impactos e impasses que essa dinâmica diferenciada pode trazer à prática jornalística. Diante de tantas (in)definições, o campo se transforma, as condições mudam, mas, sobretudo, é preciso entender o que fazer com o jogo que segue.

Referências

- ABIAHY, A. C. A. O jornalismo especializado na sociedade da informação. Universidade Federal da Paraíba. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**: Covilhã, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abiahya-ana-jornalismo-especializado.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2023.
- ANDERSON, C. W.; BELL, E.; SHIRKY, C. Jornalismo Pós-Industrial. *In*: **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, p. 32-89, mai/jun 2003.
- ARON et al. As escritas do jornalismo esportivo: introdução. **Sur le journalisme**, v. 10, n. 2, 2021. Disponível em: <https://slj.emnuvens.com.br/slj/article/download/435/409>. Acesso em: 14 fev. 2023.
- BARBEIRO, H.; RANGEL, P. **Manual do jornalismo esportivo**. S. Paulo: Contexto, 2013.
- BERTOLINI, J. Jornalista multimídia e multitarefa: o perfil contemporâneo do trabalho precário no jornalismo. **Animus**, v. 16, n. 31, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/16897/pdf>. Acesso em 20 nov. 2022.
- BOYLE, R. **Sports journalism**: context and issues. Sage: London, 2006.
- BOYLE, R. Sports journalism: changing journalism practice and digital. **Digital Journalism**, 5:5, 493-495, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1281603>. Acesso em: 08 set. 2023.
- BOYLE, R.; ROWE, D.; WHANNEL, G. 'Delight in Trivial Controversy'? Questions for Sports Journalism *In*: ALLAN, S. (ed.). **The Routledge Companion to News and Journalism Studies**. London: Routledge, 2009.

BRASILEIRO, A. N. **O jornalista em ambiente multiplataforma: desafios profissionais na era do jornalismo pós-industrial.** Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em:

https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/21539/1/AmyNascimentoBrasileiro_Dissert.pdf. Acesso em: 08 set. 2023.

BRUNS, A. Gatekeeping, Gatewatching. Realimentação em tempo Real: novos desafios para o Jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v.7, n.11, p.119-140, jul/dez, 2011. Disponível em:

<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/342>. Acesso em: 08 set. 2023.

CHARRON, J.; BONVILLE, J. As mutações do jornalismo: modelo explicativo e orientações metodológicas. In: CHARRON, J.; BONVILLE, J. **Natureza e Transformação do Jornalismo**. Florianópolis: Editora Insular, 2016.

CHRISTOFOLETTI, R. **A crise do jornalismo tem solução?** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2019.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo. Contexto, 2003. 120p.

DANTAS, J. B. A. **O impacto das condições de trabalho e da precarização da profissão na vida do jornalista.** Tese (Doutorado em Comunicação Social), Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade de Brasília: Brasília, 2019. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/35573>. Acesso em: 14 fev. 2023.

DEUZE, M. What is journalism? Professional identity and ideology of journalists reconsidered. **Journalism**. November 2005 vol. 6 no. 4 442-464. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/146488490505681>. Acesso em: 08 set. 2023.

DEUZE, M.; WITSCHGE, T. O que o jornalismo está se tornando? **Parágrafo**, v. 4, n. 2, jul/ dez, 2016. p. 7-21. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/478/445>. Acesso em: 08 set. 2023.

ENGLISH, P. Mapping the sports journalism field: Bourdieu and broadsheet newsrooms. **Journalism**, 2015, p. 1-17. Disponível em:

<https://doi.org/10.1177/1464884915576728>. Acesso em: 08 set. 2023.

FARRINGTON, N. et al. **Race, Racism and Sports Journalism**. London: Routledge, 2012.

FIDALGO, J. Profissão, profissionalismo e profissionalização. In: **O Jornalista em Construção**. Porto: Porto Editora, 2008. p. 11-64.

FONSECA, O. J. A. **O cartola e o jornalista: a influência da política clubística no jornalismo esportivo de São Paulo.** [Dissertação de Mestrado] São Paulo: ECA/USP, 1981.

FRANGE, M. **A produção do jornalismo esportivo na internet.** Curitiba: Appris, 2016.

HANITZSCH, T. Deconstructing Journalism Culture: Toward a Universal Theory. **Communication Theory**, n. 17, 2007, p. 367–385. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1468-2885.2007.00303.x>. Acesso em: 08 set. 2023.

HEINONEN, A.; LUOSTARINEN, H.. Re-Considering "Journalism" for Journalism Research. *In*: LÖFFELHOLZ, M; WEAVER, D. **Global Journalism Research: Theories, Methods, Findings, Future.** Wiley-Blackwell, 2009, p. 227-239.

HUTCHINS, B.; BOYLE, R. A community of practice: Sport journalism, mobile media and Institutional change. **Digital Journalism**, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/21670811.2016.1234147>. Acesso em: 08 set. 2023.

LE CAM, F.; PEREIRA, F.; RUELLAN, D. Introdução: mudanças e permanências do jornalismo. *In*: MOURA, D.; PEREIRA, F.; ADGHIRNI, Z. **Mudanças e Permanências do Jornalismo.** Florianópolis: Insular, 2015.

MIRER, M; HARKER, J. Will the Crowd Go Wild?: Reimagining the Newspaper Sports Section for Digital Subscribers. **Journalism Practice**, 2019, Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17512786.2019.1697955>. Acesso em: 08 set. 2023.

MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2013.

NEVEU, E. As notícias sem jornalistas uma ameaça real ou uma história de terror? [dossiê] **Brazilian Journalism Research**, [S.I.], v. 6, n. 1, 2010. (Não paginado). Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/246>. Acesso em: 08 set. 2023.

NEVEU, E. Revisiting Narrative Journalism as One of The Futures of Journalism. **Journalism Studies**, 2014, v. 15, n. 5, 533–542. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/1461670X.2014.885683>. Acesso em: 08 set. 2023.

NICOLETTI, J.; MICK, J. Influências da precarização na qualidade jornalística: construção de uma matriz de indicadores. **Passagens**, v. 9, n. 1, 2018, p. 127-141. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/passagens/article/view/39734>. Acesso em: 08 set. 2023.

PERREAULT, G.; BELL, T. Towards a “Digital” Sports Journalism: Field Theory, Changing Boundaries and Evolving Technologies. **Communication &**

Sport, 2020, v. 10 (3), 398-416. Disponível em:
<https://doi.org/10.1177/21674795209799>. Acesso em: 08 set. 2023.

RINGOOT, R.; RUELLAN, D. Journalism as permanent and collective invention. **Brazilian Journalism Research**, v. 3, n.2, jul/ dez 2007. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/119>. Acesso em: 08 set. 2023.

ROWE, D. Sports journalism: Still the ‘toy department’ of the news media? **Journalism**, v. 8(4), 2007, p. 385–405 Disponível em:
<https://doi.org/10.1177/1464884907078657>. Acesso em: 08 set. 2023.

RUELLAN, D. Um ser profissional, ou como percebê-lo. **Brazilian Journalism Research**, v. 13, n. 1, jan-abr/2017, p. 6-19. Disponível em:
<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/download/978/880>. Acesso em: 08 set. 2023.

SALAVERRÍA, R.; NEGREDO, S. **Periodismo integrado**: convergencia de medios y reorganización de redacciones. Barcelona: Sol90Media, 2008.

SALAZAR HERRERA, R. M. **Hacia un periodismo especializado ágil y creativo**: la experiencia de la revista de transportes Señales (1996-1998). Tesis Digitales UNMSM, 2003. c. 1. Disponível em:
http://sisbib.unmsm.edu.pe/bibvirtualdata/tesis/Human/Salazar_HR/enPDF/Cap1.pdf. Acesso em: 27 fev. 2023.

SHAPIRO, I. Why democracies need a functional definition of journalism now more than ever. **Journalism Studies**, 15:5, pp. 555-565, 2014. Disponível em:
<https://doi.org/10.1080/1461670X.2014.882483>. Acesso em: 08 set. 2023.

SHERWOOD et al. Controlling the message and the medium: The impact of sports organisations’ digital and social channels on media access. **Digital Journalism**, Disponível em:
<https://doi.org/10.1080/21670811.2016.1239546>. Acesso em: 14 fev. 2023.

SHERWOOD, M.; O’DONNELL, P. Once a journalist, Always a journalist? Industry restructure, job loss and professional identity. **Journalism Studies**, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1461670X.2016.1249007>. Acesso em: 08 set. 2023.

STEENSEN, S.; AHVA, L. Theories of Journalism in a Digital Age, **Journalism Practice**, 9:1, 1-18, Disponível em:
<https://doi.org/10.1080/17512786.2014.928454>. Acesso em: 08 set. 2023.

TAVARES, F. M. B. O jornalismo especializado e a especialização periodística. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. **Estudos em Comunicação**, n. 5, p. 115-133, maio de 2009. Disponível em: <https://www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf>. Acesso em: 08 set. 2023.

TAVARES JÚNIOR, C. A. Jornalismo esportivo: o que é. **Revista Pauta Geral: Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 38 –59. Jul/Dez 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6199434.pdf>. Acesso em 14 fev. 2023.

TULLOCH, C.; RAMON, X. Take five: How Sports Illustrated and L'E'quipe redefine the long-form sports journalism genre. **Digital Journalism**, 5:5, p. 652-672, Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21670811.2016.1263159>. Acesso em: 14 fev. 2023.

UNZELTE, C. **Jornalismo Esportivo: Relatos de uma paixão**. São Paulo: Saraiva, 2009, 176p.

VILAS BOAS, S. (org.). **Formação e informação esportiva: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005. (Formação e Informação).

WEEDON et al., Where's all the 'good' sports journalism? Sports media research, the sociology of sport, and the question of quality sports reporting. **Intl. Ver. Soc. of Sport**, 2018, v. 53(6) 639-667. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1012690216679835>. Acesso em: 08 set. 2023.

ZAMITH, R.; BRAUN, J. A. Technology and journalism. In: VOS, T. P.; HANUSCH, F. (Eds.). **The International Encyclopedia of Journalism Studies**. New York: JohnWiley & Sons, 2019.

Recebido em Agosto de 2023
Aprovado em Outubro de 2023